

SÃO JOSÉ

Em 1608, havia no local onde hoje é a rua da Misericórdia, esquina da rua S. José, uma pequena ermida, construída de pau e barro, de cobertura modesta, onde o povo católico do Rio de Janeiro venerava o Patriarca S. José. Contando com inúmeros devotos que não mediam sacrifícios em favor de sua crença, o pequeno templo foi, paulatinamente, melhorando as suas humildes instalações, substituindo as paredes de barro por grossos muros de pedra, armando altares, proporcionando, enfim, maior conforto a todos os que ali buscavam uma esperança de salvação ou uma palavra de fé. E, num espaço de tempo relativamente curto, em lugar da acanhada ermida, erguia-se por fim, uma grande igreja, que chegou a ser uma das mais suntuosas do velho Rio de Janeiro.

Não se sabe, ao certo, a data em que foi fundada aqui a devoção de S. José, nem os nomes dos seus fundadores, e nem, tampouco, se antes de 1608 havia no local da ermida um oratório público. Todos os documentos pertencentes ao arquivo da Irmandade foram perdidos durante o saque que sofreu a cidade em 1711, levado a efeito pelas tropas de Duguay-Trouin, que tudo destruíram. Nem os templos foram poupados à sanha dos assaltantes. Tudo foi revolvido, pilhado, roubado pelo bando de malfetores que aqui aportara.

Sabe-se, no entanto, que em 1608, já existia a capela de São José, e isso de modo seguro, através de documentos e processos que, embora estranhos ao templo, trazem citações, datas e fatos a êle referentes. Assim, pode ser considerada como verdadeira a asserção de que a Irmandade de S. José, se não é a mais antiga, é, pelo menos uma das primeiras instituídas no Rio de Janeiro, por isso que data do princípio do século 17.



SÃO JOSÉ

* * *

A cidade do Rio de Janeiro, desenvolvia-se rapidamente. Em 1575, em 19 de julho, o Papa Gregório 13, atendendo a pedido formulado pelo rei D. Sebastião, de Portugal, elevava o Rio de Janeiro à categoria de Prelazia, tornando a cidade, por êsse ato, independente da jurisdição espiritual da Baía.

Como se sabe, havia no Mórro do Castelo, hoje demolido, a Igreja de S. Sebastião, que gozava das regalias de Matriz do Rio de Janeiro, pois em 1659, D. Pedro Leitão, Bispo do Brasil com residência em Salvador, creara naquele outeiro carioca a freguezia da Sé, a primeira aliás, que teve esta cidade. A devoção de S. José, nesse tempo, já tinha incontáveis fiéis, e o seu templo era procurado com mais frequência do que o do Castelo, principalmente por ser mais acessível. As visitas ao mórro eram mais difíceis e mais penosas, e o povo compreendia que o culto a Deus poderia ser prestado em qualquer templo. Daí a preferência em assistir aos officios religiosos na ermida de S. José.

Dessa forma, já em 1659, era reduzido o número de fiéis que procuravam a Igreja de S. Sebastião, que, assim, jazia num meio abandono. Por outro lado, a Sé, não resistindo ao passar do tempo, estava quase em ruínas, e a Câmara, a quem cabia a obrigação de repará-la, confessava ao Governador da cidade a sua impossibilidade de atender a êste dever, em virtude da falta de recursos pecuniários.

A situação era angustiosa. E a única solução que no momento ocorreu ao prelado, Dr. Manoel de Souza e Almada, foi transformar em Sé a ermida de S. José.

Essa atitude, no entanto, foi recebida com desagrado pela Irmandade que não desejava de modo algum ter em seu meio elementos que não se recomendavam à sua simpatia; e o prelado não era bemquisto entre os componentes daquela congregação.

Esse fato tomou vulto, os ânimos se enxacerbaram, surgiram ameaças do prelado, promessas de revide da parte contrária, e até a Câmara foi convocada a intervir no assunto. Da discussão, por fim, acordaram todos em que devia ser enviada uma representação ao rei, em Lisboa, relatando o caso, e pedindo solução definitiva à dissensão. E assim foi feito.

Despachada a carta a D. Afonso 6.º, êste logo mandou a resposta: — ordenava peremptoriamente que a Sé continuasse no Castelo!

Tranquilizou-se, assim, a cidade, e a Irmandade de São José tornou à paz em que sempre vivera.

* * *

Tout passe... et tout se remplace.

No princípio do século 19 a igreja de tão danificada, ameaçava ruir. Impunha-se, portanto, com urgência, que se cuidasse da sua reconstrução.

Em 1806, reunidos os irmãos, ficou resolvido que, havendo algum recurso guardado, se procedesse imediatamente ao levantamento de um novo templo. Em sessão de Mesa, de 25 de janeiro e de 21 de junho de 1807, foi aprovada a planta da igreja que viria substituir a antiga ermida, e que ainda hoje é admirada como u'a expressão de arte do seu tempo.

Iniciando a obra, teve lugar a solenidade da colocação da urna com os documentos relativos à edificação. Assim, do lado do evangelho, no interior da parede do arco cruzeiro, o Vigário Inácio Pinto da Conceição, juntamente com vários irmãos e outros sacerdotes, depositavam uma caixa de chumbo contendo o desenho do templo, uma moeda de ouro no valor de Rs. 6\$400, uma de prata de Rs. \$640, e uma de cobre de Rs. \$040. Transcrevemos a seguir o documento referente ao levantamento da igreja:

— “Gouvernando a Suprema Igreja Católica Romana o Santissimo Papa Pio VII no VIII anno de seu Pontificado: Reinando na Monarchia portugueza a Fidelissima Rainha D. Maria I, Nossa Senhora, por seu Filho o Príncipe Regente, N. S. D. João: sendo Bispo dêste Bispado o Excellentissimo e Reverendissimo D. Joseph Caetano da Silva Coutinho, Capellão-mor da Casa Real: E Vigário desta freguezia o Reverendo Ignacio Pinto da Conceição: Servindo de juiz na nossa Irmandade o irmão Tenente-Coronel Joaquim Ribeiro de Almeida, e de Secrtario, Thesoureiro, Procurador, Assistentes e irmãos de Mesa os abaixo assignados: Por resolução das Mesas conjuntas de 13 de julho de 1806 e 26 de janeiro de 1807, accordarão, a custa dos rendimentos da dita Irmandade, reparar as ruínas, e aperfeiçoar as antiguidades dêste templo,

fundado em nove braças de terreno na frente com os fundos até o mar, na Rua Direita do Carmo para a Misericórdia, por doação, que no ano de 1608 fez o Illustrissimo D. Luiz de Almeida, sendo governador nesta capitania, confirmada pelo memorável Senhor Rei D. João IV.

Em 9 de janeiro de 1751 foi creada a terceira freguezia nesta capital. Para assim constar se faz o presente padrão em perpétua memória na reedificação e construcção da Igreja dedicada à Gloria e Veneração de S. Joseph, pela devota irmandade, na Capital do Reino de Portugal, no Rio de Janeiro, aos 22 do mez de Dezembro do ano de MDCCCVIII. E eu João Lopes da Silva Couto, secretario actual da dita Irmandade o fiz escrever e assignei”.

As obras do novo templo, que tiveram para sua ajuda, além das dádivas espontâneas do povo, oito loterias (cada uma com 8000 bilhetes) concedidas pelo govêrno real, terminaram em 1824, tendo sido em 10 de abril dêsse ano inaugurado o edificio com tôda a solenidade.

* * *

Logo à entrada, à esquerda, está localizado o batistério, onde milhões de infantes têm recebido o sacramento instituido por Cristo. Ao correr das paredes, os altares dos santos, entre os quais se destacam os de N. S. das Dôres, do Sagrado Coração de Jesus, de N. S. do Amparo, de S. Miguel e das Almas, todos artisticamente decorados, tendo ao pé a imagem do Cristo crucificado. Há ainda nos muros laterais os quadros representativos da Via Sacra, pintados caprichosamente, encimados todos por um feixe de lâmpadas elétricas. Do teto, pendentes, ricos lustres de metal. As cortinas que enfeitam o templo são de damasco de sêda, de côr vermelha, com franjas douradas.

Dominando o altar da capela-mor, iluminada por dois lustres com 21 lâmpadas, a imagem do Padroeiro, em grande tamanho, chama logo a atenção de quem entra no templo. E’

um soberbo trabalho, modelado carinhosamente, de fisionamia doce e olhar suave, espargindo misericórdia. No braço esquerdo o Menino-Deus, e à direita o lírio — símbolo da castidade. Essa imagem de S. José, protetor da família universal, deve ser a maior entre tôdas as existentes nos vários templos da cidade.

No centro da nave, os bancos para o povo que procura ouvir na igreja a palavra divina, através dos seus ministros.

A Irmandade possui preciosas alfaias, cortinas, e outros ornamentos, que tornam ainda mais atraente aquele venerável santuário.

Por trás do altar-mor há um grupo de imagens magníficas. E' como se fôsse uma reconstituição dos últimos momentos de vida de S. José. Vê-se ali o glorioso Patriarca, já velhinho, deitado num leito simples, tendo, ao seu lado, compungidos, a Virgem Maria e Jesus. Qualquer pessoa que ali vá pela primeira vez, fica vivamente impressionado com aquela visão de absoluto realismo, tal a expressão das imagens expostas.

Na sacristia, que é simples e confortável há, entre os dois arcazes de jacarandá lavrado, um altar sôbre o qual pousa uma outra imagem de S. José, vinda de Paris, em 1884, e oferecida à Irmandade pelo Comendador José Pinto de Oliveira. Nas paredes da sacristia estão colocados retratos pintados a óleo, do Padre João Procópio da Natividade e do Monsenhor Dr. Benedito Marinho, grande orador sacro, que exerce o cargo de Vigário da Igreja de S. José desde 19 de maio de 1912.

* * *

Há nas duas tôrres do templo um carrilhão famoso; os seus sinos são reputados os mais sonoros do Rio de Janeiro. Valem, só êles, por tôda uma grande orquestra em que figurassem todos os instrumentos. Em dias festivos lançam nos ares, fazendo-se ouvir a longínquas distâncias, não sômente o som do seu bronze magnífico — mas músicas inteiras habilmente executadas. Assim é que já ouvimos cheios de entusiasmo, o belo hino do Brasil, a "Marselhesa", e ainda outras marchas patrióticas que despertam sempre sentimentos de amor, de fé e de civismo.